



A
ÉTICA
CATÓLICA
E O
ESPÍRITO DO
CAPITALISMO

MICHAEL NOVAK



A Ética Católica e o Espírito do Capitalismo

Título

A Ética Católica e o Espírito do Capitalismo

Autor

Michael Novak

Copyright (tradução para a língua portuguesa)

© PRINCIPIA, Publicações Universitárias e Científicas
Cascais, Maio, 2001 – 1.^a edição

Título e copyright originais

The Catholic Ethic and the Spirit of Capitalism

© Michael Novak, 1993 – Todos os direitos reservados

Publicado com o consentimento do editor original, Free Press / a Division of Simon & Schuster, Inc.

Tradução Maria do Carmo Figueira • **Revisão literária** Maria João Favila Vieira Carmona

Design da capa Maia Moura Design • **Composição e Paginação** Xis e Érre, Lda.

Execução Gráfica Tipografia Peres

ISBN 972-8500-47-5

Depósito Legal 164255/01

Principia, Publicações Universitárias e Científicas

Avenida Marques Leal, 21, 2.º — 2765-495 S. João do Estoril

Telefone 21 467 87 10 • Fax 21 467 87 19 • e-mail principia@principia.pt • www.principia.pt

Michael Novak

**A Ética Católica
e o Espírito do Capitalismo**

Principia



Principia

Publicações Universitárias e Científicas

Em homenagem
ao Papa João Paulo II

Em memória do meu pai,
Michael J. Novak (1910-1992)

«Sob muitos aspectos, o católico de classe média era como o seu equivalente protestante. Também ele acreditava que devia ser frugal, respeitador, limpo, prudente e capaz de aproveitar o tempo. No entanto, o *self-made man* da França católica encontrava-se, no fundo, relativamente liberto das ansiedades e dos medos que Weber tinha atribuído ao santo protestante dos séculos XVI e XVII. Tinha muito pouca propensão para um doloroso exame de consciência, vivendo nos limites enquanto buscava incessantemente a certeza da sua eleição.»

Benjamin Nelson

«Lemos, a propósito de muitos santos, que eram muito ricos. Subiam a uma torre, a uma montanha, e ficavam mais próximos de Deus. Quanto mais tinham e mais subiam, mais altos e mais próximos do céu estavam, ficando gratos a Deus por isso, agradecendo-Lhe por isso e amando-O cada vez mais por isso» [Bem-Aventurado Giordano de Rivalto, 1304]. Em relação a esta ideia, de que o mal não está na posse da riqueza, mas em fazer dela o objectivo da vida, todos os escolásticos estão de acordo, desde São Tomás de Aquino e Santo Antonino de Florença ao cardeal Gaetano. E os seus ensinamentos foram reafirmados pelas encíclicas de Leão XIII e Pio XI.»

Amintore Fanfani

PREFÁCIO

Os Japoneses provaram de forma conclusiva que, para incorporarem o espírito do capitalismo, os seres humanos não têm de ser protestantes, o que foi bom, pois muitos de nós, que somos judeus, católicos ou laicos, temos alguma dificuldade em descrever aquilo que nos move como uma ética «protestante».

Além disso, actualmente as fronteiras mais recentes do capitalismo encontram-se em duas grandes regiões do globo – na Europa de Leste e na América Latina –, cujas culturas são mais católicas (incluindo a ortodoxa russa) do que protestantes. Este livro foi concebido e escrito para, e em solidariedade com, os povos dessas regiões, no seio dos quais tive o privilégio de passar muito tempo nos últimos anos. Sendo um católico romano, partilho firmemente das suas lutas espirituais actuais, bem como das suas esperanças seculares – que de tão crucial importância são para o delinear do século XXI. Mas também o escrevi para aqueles que, na América, tentam adoptar uma nova perspectiva relativamente aos problemas com que os Estados Unidos se debatem hoje em dia, nomeadamente os que se prendem com a raça, a etnicidade e a «subclasse» urbana.

Nos últimos 15 anos, mais de uma dúzia de países católicos, desde as Filipinas até à América Latina e à Polónia, passaram a ter regimes democráticos. Samuel Huntington, da Universidade de Harvard, descreveu esta «terceira vaga» de democratização como «a vaga católica». Esses e outros países estão agora a tentar construir economias dinâmicas. E na minha opinião, são eles que constituem a terceira vaga do *capitalismo bem entendido*.

O colapso da economia socialista obrigou as pessoas de esquerda a procurarem uma nova linguagem para os seus ideais. Mas também obrigou as do centro e da direita a concentrarem as suas energias na redução da pobreza no mundo.

Depois da morte do socialismo, o Papa João Paulo II levantou, na encíclica *Centesimus Annus* (1991), a questão de saber qual o sistema a propor para a Europa de Leste e o Terceiro Mundo. Como o Papa já sabia antecipadamente, o socialismo, tendo falhado na missão de inspirar amor ou criatividade, morreu por não abordar adequadamente o espírito humano. Não chega uma filosofia em torno das necessidades básicas; os seres humanos não são gado. O facto de haver comida, abrigo e emprego em quantidade suficiente não mata a fome do espírito humano. Os seres humanos livres querem formar Governos moldados pelo seu consentimento e criar economias cujo poder advenha das suas iniciativa e criatividade pessoais.

Esta lição constitui também um aviso para as sociedades capitalistas: o facto de, entre todos os sistemas conhecidos e existentes, apenas as sociedades capitalistas proporcionarem bens não satisfaz nem a curiosidade do espírito, nem a sede da alma.

O único fundamento duradouro para uma sociedade capitalista é de ordem moral, espiritual e religiosa. O sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) chamou a atenção para este fundamento em 1904, na sua obra *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Mas Weber não acertou exactamente no alvo: nem chegou à essência do capitalismo moderno, nem articulou a ética cristã relevante, pelo que se faz sentir a necessidade de um recomeço, tendo em vista o século que se aproxima. Designei por «ética católica» a ética que procuramos, embora a palavra «católica» deva ser entendida tanto no sentido do «c» minúsculo como no do «C» maiúsculo iniciais. Debati-me com a possibilidade de a apelidar de «ética cristã», tendo em conta o facto de todas as palavras necessárias para definir esta nova ética poderem ser entendidas no âmbito de outras tradições cristãs, incluindo a protestante. Mas essa opção teria três desvantagens: dissimularia algumas diferenças importantes entre a tese de Max Weber e a minha; e iria, sobretudo, obscurecer o contributo decisivo da ética católica para a tradição cristã, em contraponto à ética protestante; e, o que é talvez ainda mais importante, deixaria de fora a tradição judaica, com a sua forte ênfase na criatividade e na imaginação, que o conceito mais amplo de «católico» inclui. Afinal, foi o judaísmo que ensinou à humanidade que todas as coisas têm a sua origem num único

Criador, Que apela a todos os seres humanos para que participem no Seu trabalho criativo ao longo da história.

No cerne de um sistema capitalista encontra-se a confiança na capacidade criativa da pessoa humana. Segundo os ensinamentos da teologia católica, confirmados pela experiência, essa confiança tem razão de ser. Todas as pessoas são criadas à imagem de Deus, o Criador. Todas elas são chamadas a agir como co-criadoras e a todas elas é dada a vocação de agir de forma criativa. Todos os co-criadores são livres, ou seja, espera-se de todos eles que assumam responsabilidades e revelem iniciativa.

Há um novo hábito que surge em cidadãos que já não são meros súbditos de um rei ou de um imperador, mas antes soberanos por direito próprio: a iniciativa. A iniciativa, neste sentido, deve ser entendida como uma virtude moral e intelectual que incita tais cidadãos a manterem-se atentos e clarividentes em relação a projectos a lançar, a bens e a serviços a providenciar. Esses cidadãos são ensinados pelos testamentos judaico e cristão a agirem por si próprios em vez de recorrerem ao Estado para obterem as coisas que querem e de que necessitam. São eles próprios quem deve desencadear os processos necessários à prossecução das metas que se propõem atingir. Aprendem a viver como homens e mulheres livres, responsáveis pelo seu próprio destino. Podem ajoelhar-se diante de Deus, mas diante do mundo mantêm-se de cabeça bem erguida e responsáveis.

Este livro é diferente de *The Spirit of Democratic Capitalism*. Em 1981, quando escrevi essa obra, ainda não me tinha apercebido da ligação que existe entre capitalismo e criatividade – o aspecto crucial da ética católica.

Não só dediquei poucas palavras ao pensamento social do papado, mas também as três encíclicas fundamentais do Papa João Paulo II (*Laborem Exercens*, *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus Annus*) ainda não tinham aberto tantas possibilidades a uma nova ética do capitalismo. Tal como o último acto de uma peça de teatro muda muitas vezes o sentido do que ficou para trás, também a *Centesimus Annus* de 1991, em particular, lançou uma nova luz sobre os cem anos precedentes em matéria de teoria social papal.

Por último, embora tenha escrito que «a morte da ideia socialista é o facto menos referido da nossa era», eu não previ o colapso surpreendente e imparável do comunismo em 1989. Depois do período negro de 1979-1981, o drama político da década de 80 foi muito acentuado. Quanto ao seu significado

global, faz frente a qualquer outra década em muitos séculos. Agora há que ter em conta muitos dados novos.

A ideia nova mais importante que este livro contém é que há muito mais coisas por detrás do progresso político e económico das sociedades avançadas do que aquilo que os nossos economistas, quer de direita, quer de esquerda, já salientaram. A melhor forma de fazer luz sobre esta dinâmica profunda é através de uma antropologia judaico-cristã que sublinhe «a subjectividade criativa» da pessoa humana, tal como foi avançada pelo Papa João Paulo II, sobretudo na *Centesimus Annus*. (Um leitor mais atento terá notado que eu insisto em dizer «pessoa» em vez de «indivíduo», a fim de fazer uma distinção importante, que será clarificada no Capítulo 7.) Pelo contrário, a voz de análise social que actualmente ouvimos com maior frequência na cultura ocidental é materialista, exterior, mais indicada para animais irracionais do que para seres humanos com consciência – trata-se, por vezes, de um marxismo vulgar, como lhe chamou Raymond Aron; outras vezes, de um utilitarismo vulgar. Esta voz secular omnipresente não serve para nos explicar a nós próprios. Ao invés, a antropologia judaico-cristã começa com o próprio Livro do Génesis: Jeová criou os seres humanos à Sua imagem. Nós, os seres humanos, embora errantes, somos chamados a igualar o nosso Criador em criatividade, imaginação e generosidade e temos de ser vistos não só com as nossas fraquezas, mas também como pessoas cujo destino ainda está por realizar.

Um outro conceito a que dedico uma nova atenção neste livro é o de sociedade civil. Naquilo que considero ser um dos passos teóricos mais importantes deste livro, dou uma nova interpretação à justiça social, entendendo-a como a virtude distintiva de pessoas livres que se associam umas às outras, cooperando no seio de uma sociedade livre. Liberto a justiça social de uma confiança desprovida de espírito crítico no leviatã cego do Estado e ligo-a, pelo contrário, à inteligência operativa concreta dos indivíduos e à sua livre associação no seio do «fórum cívico» (designação tão apropriadamente utilizada pelos Checos e pelos Eslovacos na sua revolta contra o Estado totalitário). Defendo que o papel do Estado é reforçar as acções férteis e criativas da sociedade civil e não depreciá-las nem (livre-nos Deus!) suplantá-las. Claro que esta recomendação é controversa. Mas creio que apresenta a melhor via para um futuro mais humano do que aquele que o século XX nos trouxe, com os seus erros e os seus banhos de sangue.

Assim, a tese deste novo livro pode ser resumida numa única frase: *Do cadinho de um debate travado ao longo de cem anos no seio da Igreja emergiu uma visão mais plena e mais satisfatória da ética capitalista do que a «ética protestante» de Max Weber.* Esta ética católica não só é mais adequada às realidades do momento presente, mas também proporciona uma orientação inspiradora em relação ao futuro. E o seu aparecimento é particularmente oportuno para os jovens líderes da Europa de Leste e da América Latina – muitos dos quais têm raízes católicas. Alexis de Tocqueville teria certamente atribuído o seu aparecimento com o Papa João Paulo II a uma benigna e solícita Providência.

Urge, contudo, deixar um aviso. Quando me refiro neste livro ao desenvolvimento intracatólico de uma «ética católica», refiro-me sobretudo à esfera limitada dos ensinamentos sociais católicos e, em particular, da tradição das encíclicas. Na verdade, a ética católica, entendida na sua plenitude, é um reino esplendoroso com muitas mansões, que vai muito para além das questões terrenas e temporais. Nos muitos aspectos em que se revela, ela inclui muitas escolas de espiritualidade, desde as contemplativas às mais activas; as tradições de muitas ordens religiosas, e ainda muitas iniciativas leigas que têm vindo a germinar mais recentemente. No meio disto tudo, eu considero apenas uma pequena fatia – a da ordem elementar da economia política e do etos cultural. Para esta «massa» mais ou menos terrena, a vida da graça de Deus funciona como um fermento.

A tradição católica diz respeito a questões muito mais ricas do que a mera economia política e precede em muito a emergência do capitalismo moderno (e sobreviver-lhe-á sem dúvida por muitos anos). Nenhuma outra tradição religiosa se debateu tanto tempo com a realidade capitalista, nem teve tanta relutância em aceitá-la. Por isso, não nos deve surpreender muito o facto de muitos dos tão penosamente alcançados – e agora tão úteis – termos de compreensão do capitalismo resultarem das lutas dessa tradição consigo própria.

Temos assim que a história que este livro conta é a de uma luta moral, o que, fazendo essa luta parte do dia-a-dia de todos nós, é maravilhosamente animador.

INTRODUÇÃO

MAIS DO QUE A ÉTICA PROTESTANTE

«Para além da Terra, o principal recurso do homem é o próprio homem. A sua inteligência permite-lhe descobrir o potencial produtivo da Terra e as muitas formas diferentes de satisfazer as necessidades humanas. É o seu trabalho disciplinado, em colaboração íntima com outros, que torna possível a criação de comunidades laborais cada vez mais extensas, capazes de transformar os ambientes natural e humano do homem. Neste processo estão envolvidas virtudes importantes, como a diligência, a prudência em assumir riscos razoáveis, a confiança e a fidelidade nas relações interpessoais bem como a coragem para pôr em prática decisões difíceis e dolorosas, mas necessárias tanto para o desempenho geral de uma empresa, como para ultrapassar possíveis adversidades.»

PAPA JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*^{NR}

O maior feito de Max Weber foi conseguir perceber que o enfadonho e, muitas vezes, difícil trabalho da economia, apesar de ter, aqui e além, um carácter duvidoso e vil, possui uma base religiosa. Hoje em dia, a sua ênfase no espírito é

^{NR} Todas as transcrições das encíclicas papais nesta edição portuguesa foram traduzidas de acordo com o texto oficial publicado in *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, Documentos de 1891 a 1991*, Lisboa, Rei dos Livros, 3.^a edição, 1993.

ainda mais óbvia para os estudiosos. Não é fácil explicar o espectacular sucesso económico dos Japoneses apenas em termos materiais. Ao contrário dos Brasileiros, que têm recursos naturais em abundância e um território enorme, os Japoneses apinham-se nas planícies costeiras de ilhas minúsculas, com uma densidade populacional elevadíssima, poucos recursos naturais e quase nenhuma fontes de energia. Apesar disso, o Japão é rico, e o Brasil é pobre. É óbvio que a capacidade de organização, disciplina, trabalho, invenção e iniciativa dos Japoneses é um bem económico a não esquecer. A grande força da tese de Weber reside no facto de ele ter feito referência a certas formas do espírito humano; tê-las limitado ao calvinismo foi a sua fraqueza.

Na verdade, a obra *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, de Max Weber (1904), apesar de ter sido tomada por muitos como uma espécie de bíblia, possui uma ênfase «protestante» que foi desde sempre inexacta. Refira-se, a título de exemplo, que o pai de Max Weber tinha uma atitude «mediterrânica» algo descontraída em relação ao negócio da família, que herdara¹. Contentava-se com fazer o mínimo necessário para o negócio continuar, e fugia dele o mais que podia para ter tempo livre e uma vida fácil. Era um tio calvinista, um homem movido por uma visão mais ampla do «progresso» e uma paixão pela inovação, pelo desenvolvimento e pelo trabalho, que constituía, para Max Weber, a personificação imediata da chamada ética protestante. Assim, na própria família de Weber eram evidentes as variantes das tradições protestantes.

Os limites de Max Weber

Pode-se distinguir várias dificuldades nas teses de Weber.

Em primeiro lugar, Weber nunca define de forma absolutamente clara a ética protestante; é difícil reproduzir a sua definição em poucas linhas concisas, por forma a poder testá-la empiricamente. Ela parece assentar numa visão geral da situação da Europa em finais do século XIX: os países «protestantes» do Norte estavam mais industrializados e eram mais prósperos do que os países católicos do Sul. Esta impressão era tão generalizada e marcante que Weber achou que o ónus da prova

¹ Sobre a família de Weber, ver Arthur Mitzman, *The Iron Cage: An Historical Interpretation of Max Weber* (Nova Iorque: Knopf, 1970), 15-38.

cabiam aos que discordavam da sua tese, e não a ele próprio². Além disso, ao utilizar o termo «protestante», Weber não estava a pensar na tradição anglicana, nem sequer na luterana; parecia antes querer dizer «calvinista», ou, com ainda maior precisão, «puritana». E, como os teólogos calvinistas que rejeitam a atribuição feita por Weber do capitalismo ao calvinismo se deliciam a provar, aquilo a que ele se referia era, em última análise, algo bastante anticristão no seu espírito: a procura honesta de um aumento de capital (de riqueza monetária) como um *fim em si mesmo*, e não como um meio; como uma espécie de disciplina de autonegação, e não pela glória ou pelo prazer. Para tornar este objectivo tão intimidante como a espada reluzente dum cavaleiro, ele juntava ainda três características: um sentido de *dever* em relação à aquisição da riqueza por si própria; um *ascetismo* religioso que se traduzia em evitar o luxo, o prazer e o consumo; e um sentido de *chamamento*, que levava a que o trabalho fosse realizado de forma sóbria, conscienciosa e zelosa.

Obviamente, o aparecimento de um novo conjunto de seres humanos moldados por estes quatro imperativos internos manifestava algo mais vasto do que uma eclosão accidental de astúcia empresarial; tais imperativos surgiram (segundo ele) sob a forma de um etos inteiramente novo. No entanto, hoje em dia, volvido mais de um século sobre o seu alegado aparecimento, haverá muitos seres humanos que, de facto, partilhem desse etos, pelo menos no mundo ocidental? Faltarão a esse «etos» demasiados elementos vitais necessários ao «capitalismo real» que existe nos dias de hoje em tantos recantos do Mundo³?

Para ajudar o leitor a compreender os problemas inerentes à hipótese de Weber, à luz do seu tempo e ainda mais à luz dos nossos dias, segue-se uma análise de três passagens da obra deste autor. Vale a pena fazer o esforço de uma pequena reflexão sobre cada uma delas, pois a expressão «ética protestante» é utilizada com frequência na imprensa e, muitas vezes, erradamente:

² Segundo Viner:

«Weber, tal como os seus seguidores, generaliza livremente sobre o comportamento económico real dos calvinistas ou “puritanos” no século XVII; mas parece basear-se na sabedoria comum e não dá qualquer prova histórica detalhada [...] A sua opinião final sobre o assunto [...] resumiu-se a uma rejeição positiva da possibilidade de uma revogação da sua tese; na sua opinião, era inconcebível que a simples existência do capitalismo bastasse para gerar uma ética unificada, quanto mais uma ética religiosa comum.» [Jacob Viner, *Religious Thought and Economic Society: Four Chapters of an Unfinished Work*, ed. Jacques Melitz e Donald Winch (Durham, NC: Duke University Press, 1978), 156, 159].

³ Ver *The Culture of Entrepreneurship*, ed. Brigitte Berger (São Francisco: ICS Press, 1991).

«Tinha surgido uma ética económica especificamente burguesa. Consciente de estar inteiramente na graça de Deus e de ser visivelmente abençoado por Ele, *o homem de negócios burguês podia conduzir os seus interesses pecuniários e sentir que, ao fazê-lo, estava a cumprir um dever*, desde que se mantivesse dentro dos limites da correcção formal, *desde que a sua conduta moral fosse imaculada e desde que o uso que desse à sua riqueza não fosse censurável*. O poder do *ascetismo religioso* dava-lhe ainda operários sóbrios, conscienciosos e invulgarmente diligentes, que encaravam o seu trabalho como um objectivo de vida por vontade de Deus⁴.»

«A peculiaridade desta *filosofia da avariza* e, acima de tudo, a ideia de que *o indivíduo tem o dever de aumentar o seu capital, que é visto como um fim em si mesmo*, parece ser o ideal do homem honesto de reconhecido crédito. Na verdade, o que aqui é defendido *não é simplesmente um meio* de percorrermos o nosso caminho no mundo, mas uma ética peculiar. A infracção das suas regras não é vista como um acto de loucura, mas como um esquecimento do dever. É essa a *essência da questão*. *Não se trata de uma mera astúcia comercial* – o que é demasiado comum –, *mas antes de um etos*. É esta a qualidade que nos interessa⁵.»

«De facto, o *summum bonum* desta ética – ganhar cada vez mais dinheiro –, combinado com uma abstinência estrita de qualquer divertimento espontâneo na vida, está completamente desprovido de qualquer contributo eudemonista, para não dizer hedonístico. Ele é visto *tão puramente como um fim em si mesmo* que, do ponto de vista da felicidade do indivíduo, ou da sua utilidade para ele, aparece como inteiramente transcendente e *absolutamente irracional*. O homem é dominado pela ideia de ganhar dinheiro, *pela ideia de que a aquisição é o objectivo último da sua vida*.»

Torna-se explícito que Weber não está aqui a descrever todas as formas do «espírito capitalista», mas apenas um tipo bastante estreito e limitado das mesmas. Tão-pouco pretende descrever todas as formas de ética protestante, ou sequer todas as formas de calvinismo. Aliás, o grande historiador económico Jacob Viner chama a atenção para quão estreita é de facto a tese de Weber,

⁴ Max Weber, *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, trad. Talcott Parsons (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1958), 176-177; sublinhados meus.

⁵ *Ibid.*, 51, sublinhados meus.

⁶ *Ibid.*, 53-54, sublinhados meus.

tendo em conta a forma como ela é tratada por muitos comentadores⁷. Viner considera ainda que Weber apresenta provas muito débeis do elo preciso que alega existir entre capitalismo e protestantismo: as doutrinas do chamamento e da predestinação; aliás, tendo feito uma pesquisa exaustiva entre os autores protestantes, Viner não encontra *nenhum* fundamento para a tese de Weber. Apesar disso, Viner nota que nenhum analista do século XIX nega que *a maior parte* dos territórios protestantes era mais bem sucedida do ponto de vista económico do que *a maior parte* dos territórios católicos. Mas dever-se-ia isso à doutrina protestante? Viner não encontra ninguém que seja dessa opinião. Há quem argumente, pelo contrário, que o envolvimento nos negócios e no comércio abre caminho a um espírito curioso, a uma grande imaginação e ao gosto pela inovação. Assim, para as pessoas ou sectores que têm de viver com um estatuto de minoria, o comércio constitui tanto uma das poucas hipóteses de sobrevivência como uma especialização que vai recompensando de forma consistente a inovação, a eficiência e a excelência.

Acresce ainda que a opressão diária inerente a este tipo de espírito capitalista não era muito apelativa para Weber, tal como o não é para muita gente nos nossos dias. Weber era, ao invés, um admirador dos cavaleiros teutónicos de sangue quente que, com a sua grandeza heróica, abominavam estar confinados à «jaula de ferro» do racionalismo capitalista. Neste sentido, comenta Viner, a tese de Weber foi retomada «por muitas espécies de esquerdistas, que a consideraram uma prova das origens nada atractivas dos capitalistas modernos»; por protestantes que pretendiam, com ela, criticar os católicos, e *vice-versa*; e, na Alemanha de antes da Guerra Mundial, seguindo uma pista lançada pelo próprio Max Weber, como um ingrediente da crítica chauvinista de todo o mundo anglo-americano⁸.» Os colegas de Max Weber descreveram-no posteriormente como «uma incarnação moderna do cavaleiro de Dürer, entre a morte e o diabo», «uma das poucas figuras verdadeiramente aristocráticas da história da Alemanha na viragem do século», «um duque que se lançava na batalha à frente dos seus vassallos», «um gigantesco guerreiro ressurgido das florestas da Alemanha⁹. Tudo isto contribui para que compreendamos a ambivalência de Weber em relação ao seu tema. Weber via na ética protestante uma

⁷ Viner, 151-189.

⁸ *Ibid.*, 152.

⁹ *Ibid.*, 174-175.

«A ideia nova mais importante que este livro contém é que há muito mais coisas por detrás do progresso político e económico das sociedades avançadas do que aquilo que os nossos economistas, quer de direita, quer de esquerda, já salientaram.»

Partindo desta constatação fundamental e da sua discordância pessoal da ideia de que a ética protestante seja um dos pilares edificadores do capitalismo (como defendeu Max Weber), Michael Novak pretende neste livro «dar uma ideia de como a ética católica pode circunscrever, corrigir e alargar o espírito do capitalismo». O seu discurso bem argumentado e frontal faz-se acompanhar de perto pelo pensamento social da Igreja de Leão XIII a João Paulo II, numa análise contundente e perspicaz da realidade económica e social do nosso tempo que interessa a todos quantos, católicos ou não, se interessam pelas bases morais das sociedades modernas.



www.principia.pt

ISBN 978-989-716-115-5

